

**DEFICIÊNCIA E PRECONCEITO:  
IMPLICATURAS DESVELAM O HUMOR CRÍTICO  
EM CARTUNS EDUCATIVOS**

*Danndara Wagmaker Gonçalves* (UFES)

[danndarawagmaker@hotmail.com](mailto:danndarawagmaker@hotmail.com)

*Maria da Penha Pereira Lins* (UFES)

[mphenalins@gmail.com](mailto:mphenalins@gmail.com)

**RESUMO**

Os cartuns educativos fazem parte, cada vez mais, do cotidiano das pessoas. Esse texto multimodal nos é apresentado em jornais diários e outros meios de comunicação de massa, tratando de forma irônica, crítica e humorística, temas gerais e cotidianos. Ao estudarmos esse tipo de texto, sua estruturação e produção de sentido, compreendemos melhor sua finalidade e seu processo de intencionalidade ao atingir a sociedade. Por estar inserido no meio social, ligado à vida da população, ele pode ser considerado uma organização comunicativa cotidiana. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar cartuns educativos, que focalizam o problema do preconceito em relação à deficiência física e intelectual. Desse modo, o *corpus* de análise se compõe de uma série de cartuns presentes no livro *Visão e Revisão. Conceito e Preconceito*, do autor capixaba Ricardo Ferraz, que denuncia esse preconceito nesta obra. A base teórica se constitui de princípios da pragmática e de teorias sobre o humor, tais quais Propp (1992), Raskin (1984), Lins (2002) e Grice (1982).

**Palavras-chave:** Deficiência. Preconceito. Humor. Cartuns.

**1. Considerações iniciais**

O gênero cartum está muito presente no dia a dia das pessoas. Geralmente, por apresentarem temáticas ligadas ao universo social, são amplamente divulgados em diversas mídias, possuindo um alcance de larga escala. O cartum é um gênero de cunho humorístico que trata de forma irônica e crítica temas gerais e cotidianos; por isso, tem uma grande aceitação popular. A leitura dos cartuns influencia na formação da consciência social de seus leitores, sendo, assim, um gênero adequado à análise e estudo, no que diz respeito à construção de sentido e produção de humor.

Ao estudarmos esse tipo de texto, sua estruturação e produção de sentido, compreendemos melhor sua finalidade e seu processo de intencionalidade ao atingir a sociedade. Por estar inserido no meio social, ligado à vida da população, ele pode ser considerado uma organização comunicativa cotidiana.

Desse modo, os estudos sobre o tema deficiência é relevante, pois, de acordo com o censo demográfico realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2010, há no Brasil cerca de 45 milhões de pessoas com deficiências, 23,9% da população, sendo essas deficiências visuais, auditivas, motoras, mentais ou intelectuais. Convivemos diariamente com pessoas portadoras de deficiências, mas ainda temos preconceitos relacionados à posição que essas pessoas ocupam na sociedade, o que impede a participação plena dessas pessoas no meio social.

Tendo em vista a reflexão feita acima, o *corpus* de análise desta pesquisa está centrado numa série de cartuns educativos criados pelo ilustrador e cartunista capixaba Ricardo Ferraz, selecionados de seu livro "*Visão e Revisão. Conceito e Preconceito*". Esses cartuns têm como tema principal o dia a dia de pessoas com deficiências físicas, principalmente os cadeirantes. Os cartuns abordam, de forma crítica e humorada, as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com deficiência e seus conflitos diários com a sociedade. Ricardo Ferraz é deficiente físico e descobriu no desenho um passatempo e um canal de comunicação para denunciar o preconceito, informar e conscientizar a população dos problemas enfrentados por pessoas com necessidades especiais.

Consideramos que a análise desses cartuns educativos será feita, mais adequadamente, à luz de noções teóricas da pragmática, com destaque para a teoria inferencial das implicaturas, criada por Grice (1982). As teorias pragmáticas são importantes, na medida em que nos auxiliam a descobrir os mecanismos ocultos que regem o processo de comunicação, considerando a intenção dos falantes. Ou seja, nos estudos pragmáticos observa-se como os usuários fazem uso da língua em situações reais de comunicação.

## **2. *Cartum: um canal de crítica social***

O cartum é um gênero bem presente na vida cotidiana. Utilizado para veicular, muitas vezes, críticas sociais e ensinamentos, é um material excelente para estudos quantitativos e qualitativos, tendo em vista os códigos que o compõem e as temáticas que abordam. Os cartuns costumam ser veiculados em jornais diários, blogs, revistas, etc. Por esse motivo, tem grande visibilidade e aceitação no meio social.

O nome cartum tem sua origem na palavra inglesa “*cartoon*”, que

significa desenho animado ou caricatura. Segundo Iannonne & Iannonne (1994),

Inicialmente, os cartuns eram desenhos simples e de fácil compreensão, o que dispensava o texto. Depois, a ocorrência e a rivalidade estabelecida entre os cartunistas impulsionaram, em grande parte, o desenvolvimento de novos modelos. (IANNONE & IANNONE, 1994, p. 30)

Assim, com o passar do tempo, os cartuns foram adquirindo credibilidade e passaram a ser usados como forma de reprodução em massa. Eles “[...] passaram a apresentar características de histórias em quadrinhos, como sequência de quadros com o mesmo personagem, linguagem verbal etc.”. (LINS & GONÇALVES, 2012, p. 56)

Atualmente, o cartum é uma representação textual que se inclui no universo do gênero história em quadrinhos. Esse gênero caracteriza-se por operar com dois tipos de elementos gráficos: o verbal e o não-verbal. A junção do visual com o linguístico torna as histórias em quadrinhos objetos ideais para as pesquisas de linguística e de outras áreas, pois o visual complementa o linguístico, complementando sentidos que, por acaso, um dos códigos pode ter deixado a desejar.

O gênero cartum é configurado de um ou mais quadros, que representam em uma cena humor, crítica, fatos, denúncias e etc., podendo ou não ter balões e legendas. Uma particularidade desse gênero são os temas abordados: eles são atemporais. Assim, para entendê-los, é necessário que o leitor tenha um conhecimento geral de mundo.

Os cartuns selecionados para este artigo são centrados numa série de temas educativos criados pelo cartunista Ricardo Ferraz, presente em seu livro “*Visão e Revisão. Conceito e Preconceito*”. Tais cartuns foram criados com o intuito de levar à população uma mensagem de conscientização a respeito das dificuldades enfrentadas diariamente pelas pessoas com deficiência. Estes cartuns nos fazem refletir sobre o lugar dos deficientes na sociedade atual, já que eles representam quase 24% da população total do país. Os cartuns educativos de Ricardo Ferraz parecem ser canais de comunicação para denunciar o preconceito e conscientizar a população dos problemas enfrentados pelos deficientes.

### 3. *H.P. Grice: das implicaturas às máximas conversacionais*

A teoria inferencial das implicaturas foi desenvolvida por Grice e exposta na palestra *William James*, ministrada em Harvard, no ano de

1967. Contudo, as publicações foram feitas nos anos de 1975 e 1978, e a tradução para o português, que é a base deste estudo, foi feita no ano de 1982, pelo professor João Wanderley Geraldi.

Grice (1982) propõe um modelo para explicar os atos comunicativos, atividade linguística que fazemos cotidiana e naturalmente. Neste modelo, Grice postula que manter uma conversa é algo que somente os seres racionais podem fazer, por meio das trocas de informações através das línguas. Quando conversamos, dizemos, ao mesmo tempo, o que implicamos. Ou seja, quando falamos há uma relação entre dois tipos de informações: a dita e a implicada. O que falamos possui um significado usual (o que se diz) e as implicaturas (a interpretação do que se diz, o que realmente se quer dizer). Essa informação “oculta” é implicada ou inferida pelo ouvinte. A interpretação dependerá, também, do contexto em que a informação foi proferida.

Para entendermos o que está implicado em determinada fala, devemos saber, no mínimo, “[...] quem é o falante, quem é o ouvinte, o que eles estão fazendo ao conversar, sobre o que eles falam, o que eles sabem em comum [...]”. (OLIVEIRA & BASSO, 2014, p. 25)

Nesta perspectiva, suponhamos, então, que Paula e Ricardo são namorados. Eles costumam se encontrar às escondidas quando a mãe de Paula não está em casa. Num domingo à tarde, Paula descobre que ficará sozinha na segunda de manhã. Imediatamente ela liga para Ricardo e diz a seguinte frase:

– *Ricardo, estarei sozinha amanhã.*

Ricardo responde:

– *A que horas posso chegar aí?*

Para a ótima compreensão dessa conversa, nós deveríamos saber quem é o falante (Paula), quem é o ouvinte (Ricardo, namorado de Paula), além de conhecer o contexto no qual a ligação foi feita. O sucesso da conversa deve-se ao conhecimento compartilhado que ambos tinham a respeito do assunto proferido. Ao dizer: “*Ricardo, estarei sozinha amanhã*”, Paula quis dizer muito além do que foi dito. Ela fez um pedido para que seu namorado fosse à sua casa. Ricardo teve condições de inferir sua intenção, sem que ela precisasse explicitá-la. Isso é o que chamamos de implicatura conversacional.

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Em outra situação, a frase “*estarei sozinha amanhã*” poderá ser utilizada. Imaginemos, agora, que Paula tem um amigo chamado Chico, que é vendedor de cosméticos de marca muito famosa. Então, Chico liga para Paula, naquele mesmo domingo à tarde, e diz:

– *Paula, gostaria de ir à sua casa amanhã de manhã para mostrar à sua família os meus produtos.*

Paula diz:

– *Estarei sozinha amanhã.*

Chico responde:

– *Ok, que pena! Ligo outro dia para remarcar.*

Neste caso, a frase “*estarei sozinha amanhã*” implica: “Não venha, pois amanhã não terá ninguém da minha família em casa”. Deste modo, é possível perceber que as significações das frases dependem do contexto em que são produzidas. Nos exemplos acima, apesar de terem sido proferidas pela mesma pessoa e no mesmo dia, por se tratarem de situações e ouvintes diferentes, as frases implicaram efeitos distintos.

Examinando as condições que geram a conversação, Grice (1982) também sugeriu que a interação acontece baseada nos esforços cooperativos dos participantes, que direcionam a conversa. Ou seja, os participantes reconhecem que nas relações comunicativas um ou mais propósitos deverão guiar os diálogos. A partir dessas noções iniciais, o autor elabora o princípio geral da cooperação, que diz: “Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado”. (GRICE, 1982, p. 86)

A partir dessa noção, Grice (1982) estabelece quatro categorias, as chamadas máximas conversacionais, que ditam as regras seguidas instintivamente pelos falantes para que consigam conversar de maneira cooperativa e eficaz. São elas:

### **1. Máxima da quantidade:**

1.1 Faça sua contribuição tão informativa quanto for necessário

1.2 Não faça sua contribuição mais informativa do que o necessário

**2. Máxima da qualidade:**

- 2.1 Não diga o que você julga ser falso
- 2.2 Não diga senão aquilo para o que você possa fornecer evidência

**3. Máxima da relação**

- 3.1 Seja relevante

**4. Máxima do modo**

- 4.1 Seja claro
  - 4.1.1 Evite obscuridade de expressão
  - 4.1.2 Evite ambiguidade
  - 4.1.3 Seja breve
  - 4.1.4 Seja ordenado

Segundo o filósofo, quando um participante da interação viola propositalmente uma das máximas, são construídas implicaturas conversacionais. Assim, quando o falante deixa de cumprir intencionalmente uma das máximas, ele pressupõe que o ouvinte é capaz de inferir corretamente a implicatura criada, pois confia que ambos estão seguindo o princípio da cooperação.

**4. *As teorias sobre o humor de Victor Raskin (1985) e Vladimir Propp (1992)***

O humor é presença constante em nosso cotidiano. Por estar quase sempre presente nas situações comunicativas, o humor tem sido um importante objeto de estudo de várias áreas, como da antropologia, da sociologia, da psicologia, da pragmática, entre tantas outras.

A produção do humor se dá por meio de processos sociointeracionais, por isso é objeto de estudo da pragmática. O humor não é uma simples atitude que causa comicidade e diversão. Os mecanismos que regem a produção do humor vão muito além da simples graça e é de extrema

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

importância compreender como e por que o humor é desencadeado em determinadas situações comunicativas.

Nos estudos sobre o humor deve-se levar em consideração as questões linguísticas, socioculturais e psicológicas, pois, segundo Lins (2002): “A produção do humor se faz a partir de processos interativos, nos quais não só os fenômenos linguísticos, mas também fatores de ordem psicológica e social geram condições para a produção do humor”. (LINS, 2002, p. 18)

Dentre os vários estudiosos sobre o humor, destacam-se as noções defendidas por Raskin (1985). Em sua teoria sobre o humor ele defende a existência de dois modos de comunicação: o *bona-fide* e o *non-bona-fide*. O primeiro diz respeito à conversação comum, fundamentada por Grice (1982), e o segundo relaciona-se às piadas.

O modo de comunicação *bona-fide* tem foco na confiabilidade entre os interlocutores, pois eles estão comprometidos com a verdade, seguindo o Princípio da Cooperação proposto por Grice. Já no modo de comunicação *non-bona-fide*, não há um comprometimento com a verdade e seu objetivo é provocar o riso no ouvinte.

Apropriando-se do modelo inferencial de Grice e adaptando-o às piadas, segundo Raskin (1985), os interlocutores, numa piada, atendem às seguintes máximas:

- 1) Máxima da quantidade: dê tantas informações quanto forem necessárias à piada;
- 2) Máxima da qualidade: diga somente o que for compatível com o mundo da piada;
- 3) Máxima da relação: diga somente o que for relevante para a piada;
- 4) Máxima do modo: diga a piada de forma eficiente.

Assim, baseado nesse novo princípio da cooperação, são estabelecidas novas “regras de comunicação” e o ouvinte não esperará que o locutor fale a verdade ou forneça alguma informação relevante, mas sim observará o texto humorístico e tentará interpretá-lo.

Outro importante estudioso da linguagem humorística é Vladimir Propp. Em seu trabalho, *Comicidade e Riso* (1992), o autor parte da concepção de que não se pode estudar a comicidade fora dos postulados da

psicologia do riso e da percepção do cômico. Para ele, a comicidade acontece devido à contradição entre a forma e conteúdo, aparência e essência, proporcionando o descobrimento de defeitos, segredos, daquele o daquilo que suscita o riso.

Propp (1992) afirma que o riso pode ser desencadeado por vários fatores; por exemplo, pela manifestação repentina de algum defeito oculto ou pela diferença apresentada por alguma pessoa. Isto é, quando há uma particularidade ou estranheza que distingue uma pessoa do meio em que vive.

O autor também aponta vários tipos de risos. São estes: “o riso de zombaria”, “o riso de curta duração”, “o riso bom”, “o riso maldoso”, “o riso alegre”, “o riso ritual” e “o riso imoderado ou desenfreado”. Para o estudo do *corpus* deste trabalho o tipo de riso que melhor se enquadraria para a análise seria o riso ritual, aquele que leva mais a uma reflexão do que à catarse. Aquele riso que faz pensar e reconhecer uma problemática social.

##### **5. As implicaturas pelo humor crítico em cartuns de Ricardo Ferraz**

Para Grice, não somos apenas seres que conversam. Nós fazemos isso naturalmente, sem nenhum esforço, mas, por trás de tudo que falamos, sempre há uma intenção. Nosso interlocutor busca entender e captar o que queremos realmente dizer quando falamos.

Sempre que proferimos algo, dizemos coisas que vai além do que a sentença em si significa, além do que é explicitamente dito.

Se prestarmos atenção nas nossas interações linguísticas cotidianas, notaremos que em geral “lemos as mentes” dos nossos interlocutores, “sacamos” o que eles querem dizer sem que seja preciso sermos explícitos – “adivinhamos” suas intenções comunicativas. (OLIVEIRA & BASSO, 2014, p.30)

Por isso, quando fazemos a leitura da obra de Ricardo Ferraz: “*Visão e Revisão. Conceito e Preconceito*”, é possível perceber que sua intenção vai além do que está simplesmente representado, de forma verbal e não-verbal, nos cartuns. Como já sabemos, os cartuns são utilizados quase sempre para fazer uma crítica social ou dar algum ensinamento a partir da situação encenada.

Assim, a partir do conjunto de cartuns aqui apresentados, podemos categorizar as implicaturas feitas pelo cartunista em forma de metáforas estruturais, a saber: 1) deficiente físico não faz sexo; 2) deficiente

físico representa um peso para a família; 3) deficiente físico não se relaciona afetivamente com pessoas sem deficiência.

É evidente que outras categorizações poderão ser observadas nos trabalhos de Ferraz, mas selecionamos as que se seguem por motivo de ter de fazer um recorte de dados.

### **5.1. Implicatura: “Deficiente físico não faz sexo”**



**Cartum 1. Fonte: FERRAZ, 2006, p. 30.**

Neste primeiro cartum, observamos dois personagens: um homem aparentemente sem deficiências e uma mulher cadeirante. Ao perceber que a mulher está com um volume no abdômen, o que, logicamente, significa que ela está grávida, o homem pergunta: “É barriga d’água?!”. A expressão da mulher demonstra que ela não fica satisfeita com a pergunta, pois infere o preconceito inscrito em sua fala.

Ao observar a pergunta feita pelo homem, é possível inferir que ele acredita que a mulher, por ser cadeirante, não pode ter filhos, consequentemente, não mantém relações sexuais; por isso ele pergunta se se trata de uma doença, a chamada barriga d’água.

A pergunta é o gatilho para que o ouvinte entenda tratar-se de um texto *non-bonafide* e buscar a crítica embutida no humor.



Cartum 2. Fonte: FERRAZ, 2006, p. 29.

No cartum 2 observamos um casal, um homem sem deficiências e uma mulher cadeirante. Três homens observam a cena do casal apaixonado e proferem os comentários: “*Só um monstro é capaz de fazer isto com a coitadinha!*”, “*Tarado!*”, “*Pena de morte!!*”.

Com tais frases é possível dizer que esses homens acreditam que a mulher, por ser cadeirante, é incapaz e indefesa e que o homem que a acompanha se aproveitou da situação para manter relações sexuais com ela, causando-lhe a gravidez.

Neste terceiro cartum, temos um homem cadeirante e uma mulher sem deficiência física. Quando a vê, o homem tem pensamentos eróticos em relação a ela. Já a moça, por sua atuação fisionômica e pela representação do balão, acredita que o sexo com aquele homem não é possível por sua condição física.



Cartum 3. Fonte: FERRAZ, 2006, p. 27.

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Assim, como nos cartuns 1 e 2, o cartum 3 também demonstra o preconceito que as pessoas têm em relação à vida sexual dos deficientes físicos, especificamente dos cadeirantes. Segundo esse preconceito, os cadeirantes não são capazes de praticarem sexo, e as mulheres seriam incapazes de terem filhos por não poderem praticar tal ato.

Desse modo confirma-se a implicatura presente nesse primeiro grupo de cartuns, que é: “Deficiente físico não faz sexo”.

### 5.2. Implicatura: “O deficiente representa um peso para a família”

O cartum seguinte apresenta a situação em que um homem entrevista uma mulher que está com duas crianças, seus filhos, e logo atrás, preso em uma sala, está um cadeirante. Assim, o homem pergunta: “Quantos filhos?” e a mulher prontamente responde: “Dois!”. Em seguida, uma das crianças pensa: “E o Zeca?!” , o que significa: “E o meu irmão?!”.



Cartum 4. Fonte: FERRAZ, 2006. p. 16

Nessa situação o Zeca é o filho cadeirante, que fica preso em casa e não é tratado da mesma forma que seus irmãos, sendo até esquecido, pois não foi citado pela sua mãe como filho. Essa interpretação leva a refletir sobre o fato de as famílias "esconderem" seus membros considerados "anormais"



Cartum 5. Fonte: FERRAZ, 2006. p. 17.

Neste cartum, é retratado um deficiente esperando, ao lado de uma mulher, o ônibus para ir à APAAE (Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais). Essa instituição tem o objetivo de promover ações de orientações, prestação de serviços, inclusão social e visa a melhoria da qualidade de vida das pessoas com deficiência, principalmente com síndrome de *down*.

O autor representa, neste cartum, o alívio das pessoas quando seus deficientes saem de casa para ir à APAAE. Elas dizem: “*Que alívio!*”, “*Agora posso vê minha TV!*”, “*Ele dá muito trabalho!*” e “*Vamos voltar para cama, amor?*”.

Assim, como no cartum 4, este também mostra que o deficiente é excluído dentro da própria família. Implica-se, diante das exclamações feitas, que o deficiente causa um desconforto dentro da família e esta se sente aliviada quando o deficiente se ausenta.

Desse modo, confirma-se a implicatura presente nesse segundo grupo de cartuns, que é: “O deficiente representa um peso para a família”.

5.3. Implicatura: “Pessoas sem deficiência não se relacionam com pessoas deficientes”



Cartum 6. Fonte: FERRAZ, 2006, p. 14.

Neste cartum, a situação representada é a de uma poltrona comum e a de uma cadeira de rodas. No diálogo, a cadeira de rodas tenta puxar assunto com a poltrona, dizendo: “Oi, colega!”, mas a poltrona logo pensa: “Hum, começou a intimidade!!”. O pensamento da poltrona demonstra que ela acha a tentativa da cadeira de rodas em manter conversa ousada, ou, até mesmo, ofensiva, por considerá-la de categoria inferior.



Cartum 7. Fonte: FERRAZ, 2006, p. 28.

Este cartum apresenta uma situação com um homem sem deficiência e uma mulher cadeirante. A mulher está dirigindo um carro e no bagageiro estão suas muletas, e, no vidro, um adesivo indicando que o carro é dirigido por um(a) cadeirante. Após uma "cantada" dirigida à mulher, que se sente sensibilizada, o homem diz: *"Desculpa pela cantada! Eu não vi a muleta da senhora!!"*.

A implicatura criada com essa frase foi: "Desculpe-me, se eu soubesse que a senhora era deficiente, não a teria cortejado!".



**Cartum 8. Fonte: FERRAZ, 2006, p. 35.**

Neste oitavo e último cartum está representada uma mulher sem deficiência cercada de várias pessoas. Essas pessoas parecem estar lhe dizendo coisas de forma ríspida e grossa. A mulher está nervosa e irritada com tais falas. De longe, fora da situação, estão dois homens observando a cena. Logo um deles pergunta: *"Por que tanta violência?"*. O outro responde: *"Ela vai se casar com um deficiente físico!"*.

Os cartuns 7 e 8 demonstram que, perante a sociedade, o relacionamento entre uma pessoa sem deficiência e uma pessoa deficiente é anormal. Desse modo, confirma-se a implicatura presente nesse terceiro grupo de cartuns, que é: "Pessoas sem deficiência não se relacionam com pessoas deficientes".

## 6. Considerações finais

Este estudo teve o propósito de trazer reflexões a respeito do discurso veiculado nos cartuns de autoria de Ricardo Ferraz. A partir das análises feitas, pode-se afirmar que o processo interacional presente nestes cartuns não pode ser entendido apenas com a simples decodificação da mensagem, mas sim como um canal de denúncia que se utiliza de mensagens implícitas para levar a real mensagem aos seus leitores.

O sentido construído nos cartuns analisados, e em qualquer outro gênero textual, envolve a ativação de conhecimentos sociocognitivos do leitor, de modo a buscar a significação que o autor quer dar ao texto. Nesse sentido, Koch & Elias (2006) afirmam: “Para termos uma ideia de como ocorre o processamento textual, basta pensar que, na leitura de um texto, fazemos pequenos cortes que funcionam como entradas a partir das quais elaboramos hipóteses de interpretação”. (p. 39)

Nos cartuns do *corpus* aqui analisado, a noção de implicatura é constatada, levando em conta que, para entender esses eventos comunicativos, é necessário que se leve em conta não apenas o dito, mas, também, o implicado

Por se tratar de um gênero textual de cunho humorístico, pode-se observar, também, nos cartuns analisados, os postulados de Raskin (1985) no que diz respeito à construção do humor e a provocação do riso em Propp (1992). Os textos são de caráter *non-bonafide* e, por isso, há que se buscar o gatilho que produz o humor e, por consequência, a crítica aos comportamentos sociais. As situações retratadas ganham em comichidade quando criticam comportamentos sociais, associando o linguístico ao visual, por meio do gênero cartum. “O riso acontece no momento do desmascaramento, quando o oculto de repente se torna manifesto, tal como ocorre também em outros casos de comichidade”. (PROPP, 1992, p. 116)

Além disso sabe-se que os cartuns são capazes de influenciar diretamente o pensamento das pessoas que os leem, visto que carregam determinadas ideologias. A partir do momento que a implicatura é descoberta, o leitor passa a refletir sobre aquela situação retratada no cartum. Assim, os cartuns são ótimos instrumentos, por exemplo, para o uso nas campanhas publicitárias e até mesmo no ensino em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERRAZ, R. *Visão e Revisão*. Conceito e Preconceito. Cachoeiro do Itapemirim. Edição do Autor, 2006.
- GONÇALVES, L. S. A construção do humor em cartuns educativos. In: LINS, M. P. P.; CARMELINO, A. C. (Org.). *Linguagem do humor: diferentes olhares teóricos*. Vitória: Ufes, Programa de Pós-Graduação, 2009.
- GRICE, H. P. Lógica e conversação. Trad.: João W. Geraldi. In: DASCAL, Marcelo. (Org.). *Fundamentos metodológicos da linguística: pragmática*. Campinas: Unicamp, 1982, vol. 8.
- IANNONE, L. R.; IANNONE, R. A. *O mundo das histórias em quadrinhos*. São Paulo: Moderna, 1994.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos dos textos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- LINS, M. P. P. *O humor em tiras de quadrinhos: Uma análise de alinhamentos e enquadres de Mafalda*. Vitória: Grafer, 2002.
- OLIVEIRA, Roberta P.de; BASSO, Renato M. *Arquitetura da conversação: teoria das implicaturas*. São Paulo: Parábola, 2014.
- PROPP, V. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.
- RAMOS, Paulo. Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, vol. 38, p. 1-14, 2009.
- RASKIN, Victor. *Semantic Mechanism of Humor*. Holand: D. Reidel Publishing Company, 1985.